

9c 8 a 14



Uma poeta em corpo a corpo com a vida

Maura de Senna Pereira é a maior expressão feminina da poesia catarinense. Talento reconhecido por todos que acompanham a produção literária no Estado, ela ocupa essa posição há mais de seis décadas, levada pela força de sua poesia, pelo brilhantismo na atuação como jornalista, pela garra e coragem com que rompeu as barreiras conservadoras da sociedade da época em que viveu em Florianópolis. Poderíamos apontar Maura, também, como uma das pioneiras do feminismo em Florianópolis na década de 20. Quando era possível às mulheres ainda um inexpressivo e subalterno lugar na sociedade, Maura, impulsionada pela precocidade de seu talento e também pelas necessidades econômicas da família, era uma mulher que tinha vez e voz.

"Fui uma moça rebelde e uma menina sofridora", assina ela sintetiza sua biografia. O sofrimento e a inquietação plasmaram e continuam ainda a marcar a personalidade dessa que foi a primeira mulher a ingressar na Academia Catarinense de Letras e uma das acadêmicas pioneiras na América do Sul.

Quando mudou-se para o Rio, Maura soube e pôde conduzir-se com destemor e sabedoria, sendo uma catarinense que se destacou nos meios intelectuais da antiga Capital Federal pela beleza e densidade de sua poesia e pela força marcante das reportagens e colunas que publicava nos jornais cariocas como *Gazeta de Notícias*, *A Noite*, *Manhã* e outros. Contemporânea de Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e outros expoentes do jornalismo e da literatura, Devotada infinitamente àquele que elegeu como grande amor de sua vida — o professor e escritor Almeida Cousin —, Maura não teve filhos e permaneceu morando no Rio, num apartamento localizado no Leblon. "Hoje eu não tenho mais preocupações econômicas, mas a nossa vida mudou totalmente depois que ele sofreu o acidente". Maura se refere com angústia às dificuldades que ela e seu amado enfrentam desde 1978, quando Cousin foi acidentado e, em consequência disso, sofreu um derrame cerebral. São outras temíveis contendas que a nossa valorosa escritora continua a travar. Com bravura. Ela não recua. E foi com muita simpatia que ela e o professor Cousin receberam o escritor Silveira de Souza e a jornalista Coláça Grangeiro em sua casa. Eles passaram quatro horas juntos, pois foram também convidados para um jantar no Real Astoria, restaurante familiar do casal e que fica próximo do prédio onde moram. Aliás, junto dali está também a livraria e editora Taurus, onde Maura convive há muito tempo. É lá que ela edita seus livros e também, com frequência, expõe nas vitrines os livros dos autores catarinenses que recebe.

Participante, ativa, mulher bela e brilhante, Maura de Senna Pereira construiu uma vida de amor, uma vida que é, sem dúvida, uma rara peça da poesia brasileira.

curiosidade, seguia o provável roteiro do veículo, inconscientemente adotando-o como seu, sem alcançá-lo, esquecendo-o aos poucos, seguro somente de revê-lo na madrugada seguinte. Levemente ansioso, mantendo um frouxo desafio consigo mesmo, tão logo saltava da cama — automático, apenas o corpo de um velho a executar escassos movimentos, pouco mais do que um boneco, nem mesmo querendo provar fatalidade de estar vivo — mergulhava em sua tristeza habitual; porém — naquele amanhecer — a imagem insistia, o cérebro retinha a figura enstupidada curvada sobre as rédeas, parecendo nada sofrer com a trepidação do veículo, alheia ao trajeto e à finalidade da viagem, ao animal competindo saber o caminho, esquinas e possíveis paradas, sua vista cansada conservando a visão do trotar quase líquido, uniforme e submisso, parecendo movimentar-se numa noite feita de óleo.

Quando amanheceu, em sua pontualidade sem objetivo, vagava por entre as bancas do mercado, sem parar nos locais de costume, como sempre fizera, uma outra memória — que não lhe pertencia, remanescente de existências desconhecidas, apenas por uma estranha determinação ainda ligada à consciência — acendendo-se intermitente, mostrando que tudo aquilo não era novidade, lembrando um viajante que logo perde ou esquece a paisagem que deixou para trás e, ainda, aquela que continua adjacente, por já ter esgotado sua emoção com poentes e alvoradas, vales e montanhas e, mais, porque os caminhos tornaram-se meras etapas entre um quarto de hotel e outro, passou indiferente perante enormes postas de carne, confusos aglomerados de vasos e flores de colorido quase artificial, gaiolas com grandes canários amarelos, incriveis camarões azulaços, não reparando na boca escancarada das garoupas, no olhar empitido dos linguados, saindo mais cedo, sem comprar a fatia de carne e o pão de todas as vezes, perseguido pela lembrança da carroça de rodas faiscantes e roteiro ignorado.

Fora, não viu o sol alcançar o volume encardido dos batelões, não ficou mirando as águas sujas lambem a murada do rio.

quando cada estampa era uma viagem e uma história.

No sol ou na chuva, à tarde, tornava a buscar as ruas próximas ao mercado, onde examinava as vitrinas dos tucos, confusas e atopeçadas de chitas, sombrinhas e jóias de imitação, destinava um olhar para o escuro interior dos armazéns dos gregos, envolvia-se no aroma meio azedo do charque ainda úmido e das latas de banha abertas, cheiros que pareciam parados no ar, junto com a poeira dos sacos de farelo e que o acompanhavam por um largo tempo, deixando-o com a impressão de estar imóvel e o cenário movimentando-se para trás, levando e trazendo pouquíssimos conhecidos de escassos cumprimentos, nenhum além da saudação inicial. Sentava-se num banco da praça, para ver outros aposentados em torno da velha figueira, morrendo com a árvore e, quando seu dia também beirava o crepúsculo, voltava ao mercado, percorrendo as mesmas bancas, quase sem ver verduras murchas, os camarões avermelhados, a carne escurecendo nos ganchos, sempre caminhando devagar, lembrando o pouteiro menor de um relógio desconjuntado dando sua derradeira e dificultosa volta, até encostar-se na mureta devastada pela maré, sem interesse no céu incendiado atrás das negras ferragens da ponte; envolhia como os camarões e as verduras, sem revolta e sem mistério, esperando as luzes entristecerem ainda mais as ruas, para sua última caminhada, tangenciando o limbo das paredes, o orvalho renovando os brilhos do calçamento. Àquela hora, o frio renascia dos muros, varava os panos do capote, alcançando os ossos, num avião cada vez mais freqüente, feito o melancólico apito de um rebocador e, finalmente no quarto, comia as sobras do almoço, quase nunca requentava o café, com o pensamento pairando entre coisas inexpressivas, deixando-se como estava, sem sono, a vista errando pelas paredes, onde a umidade desenhava o país do último sonho, num passado sem qualquer data para assinalá-lo, a não ser a carroça, talvez já recordando-o, mesmo sem atingir sua consciência; no mapa bordado na pintura descascada, recordava pontas mulheres, os raros amigos que tinham dobrado outras esquinas, deixando-o sozinho na ladeira interminável, recordações iguais ao abandonado hábito de rever os selos, emoção alguma ferindo a memória.

Contudo, naquela manhã sentiu uma força e inexplicável empurrar seu corpo de volta e de o mercado, desmorteado porque

guido pelo miasma de todas as casas, aproximou a única cadeira — e, antes de sentar-se, no breve instante em que realmente sentiu-se dentro do quarto, talvez antes mesmo do cérebro abraçar aquela convicção, descobriu-se sem medo, somente confuso, em saber se já sonhara, vivera ou desejara aquela cena — e foi tomando conhecimento de como tinha sido naquele final de vida, o rosto guardando a dureza das linhas e dos sulcos criados pelo tempo, dono de uma imensa e nova calma, mas sem disfarçar a aridez que o espelho nunca percebera, devolvendo-lhe, por comodismo ou pela influência de uma desaperecebida vaidade, a imagem do que fora muito antes, esquecendo a devastação feita pela idade e pela solidão. A manhã continuava sua ascensão, a ladeira enchia-se com os barulhos costumeiros, outras carroças desciam e ele, que jamais tivera a curiosidade de vê-las, agora tentava distinguir o ruído das rodas chapadas, preocupado que o estranho conjunto refizesse seu itinerário fora de hora, enquanto olhava-se enrijecer aos poucos, a audição (a sua, uma nova ou outra, além da vida, imemorial?) diferenciando o cauteloso raspar de ferraduras no calçamento escorregadio, sem encontrar um trotar igual aquele que o despertava, aveludado, escorrendo entre as trevas e a primeira luz. Certamente eram outras, assegurou-se, que se juntavam ao pregão dos vendedores subindo pelas paredes, entrando nos quartos embolorados, despertando as últimas casas e, embora se obrigasse a captar todos os barulhos, não abandonou a análise — ruga por ruga — do rosto cansado, agora tão impessoal quanto os outros que, todas as manhãs, encontrava em seu caminho. Estagnado em seu redor, o tempo era totalmente diverso daquele que transcorria lá fora, podendo — então — estender o exame, defendendo-se nas mãos, que tinham sido nervosas e seguras, capazes de gestos decididos: a pinça levantando o selo contra a luz, o espírito agitando-se, fascinado, lembrando alguém — impaciente e intimidado — debreado sobre um corpo de mulher, sentindo que a carne prestes a ser apreendida predestinava-se a resistir ao tempo, nos sentidos e na alma de quem a empolgasse, muito além da própria morte. Com um deleite sombrio, demorou-se na observação daquelas mãos rigidamente disciplinadas ao longo do corpo, as unhas manchadas por incoerentes cigarros, e, por um instante, sentiu-se por um instante